

TUDO É POETÁVEL:
ENTREVISTA COM ANA LUÍSA AMARAL

VERNA CULUM



TUDO É POETÁVEL
Entrevista com Ana Luísa Amaral

Por Leonardo Barros Medeiros

Sobre Ana Luísa: Nasceu em Lisboa, em 1956, e vive, desde os nove anos, em Leça da Palmeira. É Professora Associada na Faculdade de Letras do Porto. Tem um doutorado sobre a poesia de Emily Dickinson. As suas áreas de investigação são Poéticas Comparadas, Estudos Feministas e Teoria Queer. Integra a Direcção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Tem diversas publicações académicas em Portugal e no estrangeiro. Ensina Estudos Feministas, Poesia Anglo-Americana e Poéticas Comparadas.

É autora, com Ana Gabriela Macedo, do *Dicionário de Crítica Feminista* (Afrontamento, 2005) e coordenou a edição anotada de *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa (Dom Quixote, 2010). Coordena neste momento o projecto *Novas Cartas Portuguesas 40 anos depois*, um projecto financiado pela FCT que envolve 13 equipas internacionais e mais de 15 países.

Como poeta, está representada em inúmeras antologias portuguesas e estrangeiras e tem feito leituras dos seus poemas em diversos países, como Brasil, França, Estados Unidos da América, Alemanha, Irlanda, Espanha, Rússia, Roménia, Polónia, Suécia, Holanda, China, Colômbia, México ou Argentina.

Em torno da sua obra foram levados a cena espectáculos de teatro (como *O olhar diagonal das coisas* ou *A história da Aranha Leopoldina*).

Em 2007 teve o Prémio Literário Casino da Póvoa/Correntes d'Escritas, com o livro *A Génesis do Amor*, também seleccionado para o Prémio Portugal Telecom. No mesmo ano, foi galardoada em Itália com o Prémio de Poesia Giuseppe Acerbi. O seu livro *Entre Dois Rios e Outras Noites*, obteve, em 2008, o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores.

Editados em França, no Brasil, na Suécia, na Holanda e em Itália, os seus livros serão brevemente editados também na Venezuela.

Poesia:

Minha Senhora de Quê, Fora do Texto, 1990 (reed. Quetzal, 1999);

Coisas de Partir, Fora do Texto, 1993 (reed. Gótica, 2001);

Epopeias, Fora do Texto, 1994;

E Muitos Os Caminhos, Poetas de Letras, 1995;

Às Vezes o Paraíso, Quetzal, 1998 (reed. 2000);

Imagens, Campo das Letras, 2000;

Imagias, Gótica, 2002;

A Arte de ser Tigre, Gótica, 2003;

A Génesis do Amor, Campo das Letras, 2005;

Poesia Reunida (1990-2005), Quási, 2005;

Entre Dois Rios e Outras Noites, Campo das Letras, 2007;

Se Fosse um Intervalo, Dom Quixote, 2009;

Inversos, Poesia 1990-2010, Dom Quixote, 2010;

Vozes, Dom Quixote, 2011.

Teatro/Poesia:

Próspero Morreu, Caminho, 2011.

Literatura infantil:

Gaspar, o Dedo Diferente e Outras Histórias, Campo das Letras, 1999;
A História da Aranha Leopoldina, Campo das Letras, 2000 (ed. revista e aumentada, com audio-livro, Civilização, 2010);
A Relíquia, a partir do romance de Eça de Queirós, Quasi, 2008;
Auto de Mofina Mendes, a partir da peça de Gil Vicente, Quasi, 2008;
Gaspar, o Dedo Diferente, ed. revista, Civilização, 2011;
A Tempestade, de William Shakespeare, Quidnovi 2011;
Lenga-lenga de Lena, a Hiena, 7dias6 noites 2011 (no prelo).

Traduções:

Mar Meu/My Sea of Timor (poemas de Xanana Gusmão), co-trad. Kristy Sword, Granito, 1998;
Eunice de Souza: Poemas Escolhidos, Cotovia, 2001;
Ponto Último e Outros Poemas (poesia de John Updike), Civilização, 2009;
Emily Dickinson, Cem Poemas, com posfácio e anexos, Relógio D'Água, 2010.

Vernaculum: Você busca alguma inspiração na poesia brasileira? Em quem?

Na poesia brasileira, não posso dizer que busque a minha inspiração... Há, porém, dois poetas brasileiros que adoro: Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. E de Manuel Bandeira sei poemas de cor, desde pequena, como aquele “Irene santa, Irene boa...”, que sempre achei lindo.

Vernaculum: Há algum motivador para sua poesia?

Não, acho que tudo é poetável, tudo é possível de entrar na poesia. O mundo, a minha poesia sai do mundo, porque eu própria vivo nele.

Vernaculum: Além de escritora você também atua como professora universitária. Como você dialoga o saber científico com o artístico?

*Com muita dificuldade, do ponto de vista prático... Mas, como motivo de inspiração, muitas vezes esse saber científico (ou teórico) tem vindo em meu auxílio. Não só enquanto substracto (como, aliás, toda a experiência de vida, e ser professora e investigadora é um desses substractos), mas ainda enquanto evidência. Exemplifico: houve um ano em que ensinei Cultura Inglesa; ao estudar para ensinar esse curso, escrevi o poema “Reais ausências”, que está em *Coisas de Partir* (1993) e que começa por “Não há rainhas, não. / Quando se fala em mitos, é sempre Artur, / ou D. Sebastião, um cheio de pormenores, / o outro, embrenhado demais por infieis e ido em brumas // Não há rainhas, não. / Até*

Henrique VIII com muito mais élan do /que Isabel: mandou cortar cabeças como couves /e expandiu albiónico quintal. /A filha pouco fez, que já tinha o país /quase estrumado, pupila em oceano /e abolidas bulas – a prima: um pormenor /tão en passant como o Tomás / (depois canonizado) / (...). E por aí fora... Não duvido de que esse poema me foi “ditado” por essas aulas!

Vernaculum: Você além de escrever belíssimos poemas também escreve para crianças. Qual dos gêneros a estimula mais?

Os dois. Não faço distinção entre o que escrevo para crianças e a poesia. Parece-me que pode haver belíssimos poemas e belíssimos textos infantis, tal como pode haver maus poemas e maus textos infantis. Aliás, eu escrevo muito em verso para crianças. Queria só acrescentar que, quando escrevo para crianças, a angústia que sinto normalmente (misturada com alegria) ao escrever poesia, está ausente. Divirto-me muito, muito, a escrever para crianças, e sinto só alegria quando o faço.

Vernaculum: De todas as obras que você já publicou, há alguma mais especial para você? E por quê?

*Há o primeiríssimo livro, *Minha Senhora de Quê* (1990), que tem o encanto e o deslumbramento do primeiro filho. Há o último livro, *Próspero morreu*, que acaba de sair, uma peça em verso, ou “poema em acto”, que tem o deslumbramento de ainda haver espaço para um 13º filho. E há *Lenga-Lenga de Lena*, a *Hiena*, que ainda não saiu, e que é para crianças – esse também especial, porque foi escrito para a *Matilde*, a filha de uma grande amiga que morreu.*

Vernaculum: Qual o papel da poesia hoje em meio às tecnologias digitais?

Um papel mais alargado. Não acho que a poesia, tal como a concebemos, esteja ameaçada. Nem acho que o livro esteja ameaçado pelo facto de haver blogues – pelo contrário, eles expandem os livros. A poesia continua a ter o papel que eu acho que tem: ajudar a preservar memórias.

Vernaculum: Há algum projeto de escrita atual?

*Sim, há a ideia de expandir a última secção do livro *Vozes* (2011), que se chama “*Outras Vozes*” e é uma revisitação e revisão da *História*; há um livro de ensaios que está para sair; e há ainda uma peça de teatro a que ainda não dei nome, mas que está quase pronta.*